

RELATOS PESSOAIS NO ENSINO MÉDIO

O conhecimento de mundo revelando indícios de Autoria e pautando Identidades sociais na escola

Maria de Nazaré Trindade Ginane ¹
Aysha Evelyn Azevedo dos Santos ²
Maria Clara Trindade Ginane ³
Rosa Maria da Silva Medeiros ⁴

INTRODUÇÃO

No contexto educacional, o relato pessoal funciona como uma prática discursiva que valoriza o conhecimento de mundo do aluno e possibilita um aprendizado coletivo a partir de vivências reais em contextos sociais e históricos variados. Fundamentando-se em Koch (2003), Possenti (2002), Tfouni (2008) e Hall (2006), este trabalho, de cunho interpretativista, tem como objetivo geral identificar quanti-qualitativamente o conhecimento de mundo mobilizado em 77 relatos pessoais escritos por alunos do 2º ano do Ensino Médio Integrado do IFRN/Parelhas, entre os anos de 2021 e 2023, para sistematização das principais temáticas pautadas pelos alunos ao refletirem sobre a própria vida. Como objetivo específico, é feita a análise do relato “Chuva”, um dos mais representativos do corpus para discussão sobre como o conhecimento de mundo é materializado no texto, revelando indícios de autoria e pautando diferentes perfis identitários no meio escolar.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esse trabalho resulta de uma pesquisa bibliográfica e documental de natureza básica. Metodologicamente, desenvolveu-se uma análise descritiva e qualitativa, categoria na qual "se observam, registram, analisam, classificam e interpretam os fatos, sem que o pesquisador lhes faça qualquer interferência" (PAIVA, 2019, p. 190). Para isso, foram analisados quanti-qualitativamente 77 relatos pessoais dos alunos do

¹ Estudante do Curso Integrado de Informática do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, mtrindadeginane@gmail.com;

² Estudante do Curso Integrado de Informática do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, aysha.a@escolar.ifrn.edu.br;

³ Estudante do Curso Integrado de Informática do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, trindadeginanemariaclara@gmail.com;

⁴ Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, rosa.medeiros@ifrn.edu.br;

segundo ano dos cursos integrados de Informática e Mineração, de 2021 a 2023, do IFRN/campus Parelhas.

A partir da leitura dos dados, foi feita a identificação, nomeação e frequência da temática predominante nos relatos. As onze categorias temáticas constatadas foram; relacionamento afetivo (17%), morte de ente querido (14%), sofrimento por ser quem é (13%), experiência em família (12%), questões existenciais (10%), problemas de saúde (5%), animal de estimação (5%), figura materna (4%), espiritualidade (4%), doença grave (4%) e violência contra a mulher (4%).

O relato pessoal “Chuva”, selecionado para análise, faz parte do segundo grupo temático mais recorrente entre os alunos - morte de ente querido. Constituído por três parágrafos que narram ações e pensamentos, esse relato é reproduzido na íntegra à medida que a análise se desenvolve. Essa análise se fundamenta em preceitos teóricos sobre conhecimento de mundo, indícios de autoria e identidade. Não é foco desse trabalho a discussão sobre conhecimentos linguísticos e gramaticais nem aspectos restritos à coesão textual. Essa estilística não compromete a compreensão do relato, pois há fluidez da narrativa. Por fim, cabe ainda ressaltar que, para nos referir ao produtor do texto, utilizamos as expressões aluno-autor (AA), narrador, enunciador.

REFERENCIAL TEÓRICO

O relato pessoal é um gênero textual que possibilita a expressão de experiências individuais de alegria, tristeza, frustrações. Conforme Dolz e Schneuwly (2004), ele envolve a “documentação e memorização das ações humanas” e o “relatar”, facilitando a “representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo” (p. 60). A composição textual, e especificamente esse gênero, está intimamente relacionada ao conhecimento de mundo do enunciador, ou seja, à bagagem cultural, social e histórica de que ele dispõe para interpretação de suas vivências cotidianas.

O conhecimento de mundo, ou enciclopédico, é um dos tipos de conhecimento que contribuem para o processamento textual, ao lado dos conhecimentos linguístico e sócio-interacional, conforme Koch (2003). Todos são necessários para a efetivação da leitura e da escrita: o conhecimento linguístico se refere à organização do material linguístico gramatical e lexical na superfície textual, responsável pelas relações coesivas e adequação vocabular de acordo com a situação comunicativa; o conhecimento interacional envolve as diferentes formas de interação por meio da linguagem; e, por fim, o conhecimento de mundo que compreende os conhecimentos adquiridos durante a

vida de cada indivíduo. De todos os tipos de conhecimento, esse último é o que mais interessa nesse trabalho, por referir-se a informações acumuladas ao longo da vida e essenciais para a construção de significados.

Ao acionar esse conhecimento, o produtor de texto mobiliza uma série de aprendizados armazenados na memória que influenciam sua percepção e compreensão sobre o mundo, as pessoas e a vida. Nesse contexto, funciona como um tipo de conhecimento essencial para a construção da autoria nos textos escritos. Isso porque, como afirma Possenti (2002, p.112-113), "pode-se dizer provavelmente que alguém se torna autor quando assume (sabendo ou não) fundamentalmente duas atitudes: dar voz a outros enunciadores e manter distância em relação ao próprio texto". Nessa perspectiva, a autoria se materializa a partir da habilidade discursiva do produtor de texto em articular vivências dele e de incorporar vozes do outro na elaboração textual.

Essa habilidade concretiza, na superfície textual, uma visão de mundo tecida a partir da manifestação de diferentes identidades sociais. Isso porque, segundo Hall (2006, p.12), "o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades". Assim, o sujeito não tendo mais uma identidade fixa, essencial ou permanente, passa a ser um sujeito que assume diferentes identidades de acordo com os momentos vivenciados nas mais diversas situações comunicativas. Logo, a identidade é múltipla e se transforma ao longo do tempo, influenciada por contextos sociais, históricos e culturais.

A utilização do relato pessoal no processo de ensino e aprendizagem pode ser uma estratégia didática para incentivar o exercício da autoria e para pautar identificações sociais na escola sob a ótica juvenil. Assim, investe-se em um processo de escrita que oportuniza o protagonismo dos adolescentes, de modo que aquele que escreve não apenas documente suas experiências de vida, mas também desenvolva a habilidade discursiva de ressoar outras vozes e de manter distância em relação ao que escreve, ascendendo ao patamar de alunos-autores na escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revelou que os perfis identitários pautados nos relatos relacionam-se predominantemente com relações familiares e sociais. Muitos jovens identificam-se como filhos, netos e amigos, e alguns mencionam relacionamentos tanto hétero quanto homoafetivos. Entre os sentimentos mais recorrentes nos relatos destacam-se amor,

saudade, tristeza, pavor, alegria, frustração, alívio, culpa, gratidão, orgulho, insegurança, solidão. Além disso, observou-se que os jovens cultivam um sentimento de pertencimento, manifestado pelo desejo de manter tradições familiares ou preservar a memória de parentes falecidos. É, nesse contexto, que se destaca o relato pessoal intitulado “Chuva”, o qual passamos a analisar detidamente a seguir. Esse relato é iniciado com o seguinte parágrafo:

“Quando eu tinha 12 anos, meu avô morreu, dois anos depois disso minha mãe pediu para que eu passasse algumas semanas com minha vó, ela não estava muito bem e estava morando sozinha desde que meu avô morreu, então fui passar algumas semanas com ela, essas semanas se tornaram meses e de meses passaram anos. 3 anos, nesses três anos vi minha mãe poucas vezes, até que um certo dia meu pai chegou na casa da minha vó e disse que minha mãe estava muito doente, voltei para casa no mesmo dia, quando cheguei, minha mãe estava na cama, ela estava sentada na cama e vomitando, vomitando sangue.”

Constata-se que o enunciador rememora uma experiência marcante da adolescência (12 anos), envolvendo a casa de familiares (pais e avó materna). As identificações como adolescente, filho e neto são relevantes para dimensionar a gravidade da situação e o nível de envolvimento familiar dele. O modo como dar voz à mãe e ao pai na narrativa se materializa como um indício de autoria. A inclusão dessas vozes delinea uma identidade de adolescente prestativo e contestatório, pois atende ao pedido da mãe, mas também evidencia a contradição do tempo prometido por ela (eram semanas, tornaram-se 3 anos). De todo modo, essa experiência revela que o conhecimento de mundo dele sobre as relações familiares se alicerça no respeito às figuras de autoridade e no cuidado em momentos de fragilidade (na vulnerabilidade da avó viúva e sozinha e no adoecimento da mãe).

O autor prossegue o relato com o seguinte parágrafo:

Nessa hora, não soube como reagir, a única coisa que podia fazer era limpar todo aquele sangue do chão, algum tempo se passou e o estado da minha mãe piorou, nessa hora meu pai chegou, e foi com ela pro hospital, nesse momento ela já estava sem voz, minhas últimas palavras para ela foram: 'você vai ficar bem', depois que ela foi para o hospital eu fiquei em casa com meu irmão, se passou algum tempo, e começou a chover muito forte, de um jeito que eu nunca tinha visto antes, meu irmão correu para debaixo da cama porque estava com medo, eu também fui, não porque estava com medo, mas para ficar com ele lá, enquanto a chuva caía olhei para ele e disse: 'sempre que chove assim, fora de época é porque alguém morreu' ele olhou para mim preocupado e perguntou: 'Você está dizendo que minha mãe morreu?' olhei de volta e menti, disse que não.

Nesse parágrafo, ressaltam-se as identificações do enunciador como filho e irmão cujos gestos simbolizam o empenho dele em se manter presente, ser companheiro. A atitude de limpar o sangue no chão e de fazer companhia ao irmão

amedrontado representa uma tentativa de agir na adversidade, dessa vez, sendo apoio da mãe e do irmão, mesmo com medo e insegurança também. Lidar com a vulnerabilidade da avó (fui passar algumas semanas com ela), com o adoecimento da mãe ('você vai ficar bem') e com o estado emocional do irmão ('Você está dizendo que mainha morreu?' olhei de volta e menti, disse que não.") lhe impõe responsabilidades para além das funções sociais, comumente esperadas, de um adolescente, filho, neto e irmão na nossa sociedade. Espera-se dele a função de cuidador. Uma atribuição que o enunciador desempenha primeiramente a pedido da mãe e depois continua por iniciativa própria.

No segundo parágrafo ainda, constata-se que o conhecimento de mundo do aluno-autor se revela em uma crença sobre a chuva ("sempre que chove assim, fora de época, é porque alguém morreu."). Esse fenômeno da natureza geralmente visto como símbolo de renovação, para o enunciador do relato, representa tragédia e perda. Um dos indícios de autoria mais recorrente no texto é materializado a partir da habilidade de acolher diferentes vozes no discurso (mãe, pai e, nessa ocasião, irmão), construindo uma narrativa que apresenta diferentes perspectivas.

Outra forma de materialização da autoria se revela a partir do distanciamento do próprio texto. Isso ocorre, no relato em análise, no momento em que o enunciador analisa as próprias ações e reações emocionais com um olhar distanciado ("não soube como reagir, a única coisa que podia fazer era limpar todo aquele sangue"/"eu também fui, não porque estava com medo, mas para ficar com ele lá"/ ele olhou para mim preocupado e perguntou: 'Você está dizendo que mainha morreu?' olhei de volta e menti, disse que não."). Essa postura analítica é um indicativo de autoria. O autor narra os eventos, mas também os avalia, de modo autorreflexivo. Essa é uma característica que perpassa o relato até o último parágrafo, reproduzido abaixo:

Mas no fundo eu queria dizer que sim, mas também não queria acreditar naquilo, era apenas uma sensação ruim, e só. Quando chegou a noite descobri que aquela sensação ruim estava certa, nesse momento tudo parou de fazer sentido, tudo! Eu não conseguia fazer mais nada, além de gritar e chorar, na mesma noite fui para casa da minha avó, entrei com cuidado para não acordá-la e fui para o meu quarto, não sei que horas eram quando fui dormir, só sei que chorei até pegar no sono, no outro dia, ainda não consegui não fui para o velório, para o enterro ou qualquer coisa relacionada a isso, já se passaram 3 anos, e eu nunca fui no túmulo dela, eu não consigo, eu gostaria de guardar memórias dela viva, ainda comigo. Mas de tudo isso, eu nunca pensei em desistir de nada, quero dar o meu melhor em tudo para que ela possa sentir orgulho de mim, onde ela estiver.

Finalizando o relato, as identificações como irmão, filho e neto são retomadas e acrescenta-se mais uma identidade - a de órfão. Essas funções sociais configuram momentos diferentes: um, como filho e irmão, quando reflete sobre o mal presságio que

sentiu durante o diálogo com o irmão (“não queria acreditar naquilo, era apenas uma sensação ruim, e só.”); e outro momento, como filho, neto e órfão, ao ter de lidar com a dor do luto pela morte da mãe (“não conseguia fazer mais nada, além de gritar e chorar”) e o cuidado com a avó (“fui para casa da minha avó, entrei com cuidado para não acordá-la”) para não incomodá-la. Assim, segue com seu sofrimento solitário como órfão [“chorei até pegar no sono”/ “não fui para o velório(...) nunca fui no túmulo dela (...) gostaria de guardar memórias dela viva, ainda comigo”]. A conclusão do relato é influenciada pelas identificações de filho e órfão [“gostaria de guardar memórias dela viva, ainda comigo/ (...) que ela possa sentir orgulho de mim, onde ela estiver.”], sinalizando um modo de enfrentamento da dor da perda que ora se apega às memórias da mãe em vida ora (rea)firma o compromisso de, mesmo na ausência de corpo presente, seguir com ações e comportamentos aprovados por ela (“eu nunca pensei em desistir de nada/ quero dar o meu melhor em tudo”), numa busca por orgulho materno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao relatarem experiências e reflexões, os estudantes não apenas efetivam uma autorreflexão, mas também reivindicam um espaço para se expressarem como autores de suas próprias histórias. Protagonizam, assim, a inserção de temáticas sociais, familiares, existenciais para serem socializados como aprendizado sobre a vida no âmbito escolar. Reconhecendo a importância da prática de escrita de si, a escola fortalece um espaço de acolhimento e de discussão de uma diversidade de identidades sociais, onde os jovens são respeitados em suas singularidades e encorajados a (re)pensar as experiências de vida para além do ambiente escolar.

Palavras-chave: Relato pessoal, Conhecimento de mundo, Autoria e Identidades sociais

REFERÊNCIAS

- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para uma reflexão sobre uma experiência Suíça (francófona). In: _____. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- KOCH, I. G. V. O texto e a construção dos sentidos. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- POSSENTI, S. Índícios de Autoria. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 01, p. 105-124, jan./jun. 2002.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PAIVA, V. L. M. O. Manual de pesquisa em estudos linguísticos - 1. ed.- São Paulo: Parábola, 2019